

# Tudo por dinheiro

Vitor, 57 anos, reformado do Porto de Setúbal, casado e com dois filhos, estava afundado em dívidas

As comunicações foram logo preparadas



A PSP montou um perímetro de segurança

**Catarina Guerreiro\***  
catarina.guerreiro@sol.pt

FORAM treze horas e meia de silêncio, cortado apenas pelas duas frases proferidas por Vitor C.: «Quero 100 mil euros». Durante as longas horas do sequestro à agência do Banco Espírito Santo (BES), em Setúbal, na quarta-feira, o negociador da PSP esteve permanentemente a apelar ao sequestrador, «sem qualquer retorno».

Vitor era «um homem desesperado» quando, quarta-feira, protagonizou o mais longo sequestro com reféns ocorrido em Portugal. «Estava pechado de dívidas» e foi isso mesmo que confiou aos agentes, no momento em que foi apanhado e desarmado. Não houve outro móbil para o crime, asseguram as autoridades, apesar de Vitor ter tentado justificar-se com a necessidade de um empréstimo bancário para pagar a libertação do próprio filho, que disse ter sido raptado. «Ele

queria dinheiro, apenas isso», disseram ao SOL.

Aos 57 anos, Vitor achava que tinha chegado dado a um beco sem saída. Recebia uma pequena reforma, como antigo trabalhador do Porto de Setúbal, e tinha um pequeno negócio familiar. Mas há muito que deixou de pagar ordenados às três empregadas do café Bica d'Ouro, em Setúbal,

pre formal com a sua gravata. Fez o serviço militar obrigatório nos Comandos – de onde herdou um defeito motor nos dedos da mão esquerda. Mas, na quarta-feira, enquanto manteve dois clientes e dois funcionários do BES como reféns, não mostrou qualquer sinal de ter tido treino militar. Levava, para o assalto, uma pistola 6,35mm, carregada, e uma caixa que simulou ser um engenho explosivo mas que só continha plasticina. E disfarçou-se com um panamá azul, para tentar esconder o rosto.

«Não é um doente mental, mas revelou um comportamento complicado», disse fonte policial. De facto, enquanto esteve dentro do banco, Vitor não parou: sempre a percorrer os gabinetes e a arrumar gavetas.

A escassa comunicação vinda de dentro do banco obrigou as autoridades a recorrer à família de Vi-

tor – a mulher, Leonor, professora de matemática, e dois filhos – que vive nos arredores de Setúbal.

## Não tratou mal os quatro reféns

Mas foi a irmã mais nova, de 30 anos – que se encontrava no meio da multidão, a assistir ao sequestro –, quem acabou por ajudar as autoridades. Aliás, e segundo apurou o SOL, quando percebeu que o sequestrador era o próprio irmão, ficou em pânico e chegou mesmo a precisar de ajuda médica. O mesmo aconteceu aos familiares dos quatro reféns, a quem foi sendo dado apoio psicológico. Os pais de um dos reféns souberam que ele era uma das vítimas, quando o viram na televisão.

Vitor, que nunca tratou mal os reféns, segundo dizem as autoridades, foi apanhado «à mão». Tentou resistir mas não conseguiu sequer agarrar a pistola.

\*com Catarina Cristão e Luis Miranda

Desculpou-se com o alegado rapto do próprio filho

pelo qual pagava uma renda de 1250 euros, desde Dezembro.

Por diversas vezes, pediu empréstimos bancários para resolver as dívidas que acumulava. Sempre sem sucesso. Mas nunca deu mostras do que estava a passar. Aliás, de acordo com a vizinhança do Bica d'Ouro, Vitor era uma pessoa discreta, sem

## A fase mais difícil

«A FASE mais difícil foi entre as 20h e as 21h, quando ficámos sem comunicações lá para dentro», conta Magina da Silva, comandante do Grupo de Operações Especiais (GOE). Os reféns deixaram também de usar os telemóveis, pelos

quais trocavam SMS com familiares e com a polícia. Os 15 elementos dos GOE estiveram, então, quase a assaltar as instalações sequestradas, mas recuaram por desconhecerem a localização exacta do sequestrador.

Começaram também a

vir ao de cima as rivalidades entre polícias, resultante da indefinição sobre quem coordena as operações nestes casos: a PSP ou a Polícia Judiciária (PJ). A PJ esteve lá por acaso: dois agentes, que passavam pelo local, viram o aparato da PSP e

deram o alerta. A Judiciária chamou os seus melhores especialistas, que, no entanto, não tiveram qualquer intervenção. A certa altura, quiseram mesmo deixar o local, acabando por ficar apenas com o estatuto de «observadores».



Magina da Silva comandou os 15 elementos dos GOE

FOTOS EXCLUSIVAS



As 3h30, os reféns começaram a ser retirados da agência



A brigada de minas e armadilhas chegou a preparar detonações



No momento em que o sequestrador foi detido, a Polícia cobriu o para evitar que fosse reconhecido

FOTOS PRESSLOCK/HUMBERTO SOUSA

## Dívidas levam ao desespero

O NÚMERO de famílias portuguesas sobreendividadas tem crescido a «olhos vistos», salienta a associação de defesa do

consumidor, DECO, que este ano já recebeu 800 processos (mais 200 do que em 2005).

A maioria ocorre em

Lisboa e Porto, e têm aparecido cada vez mais indivíduos com elevados rendimentos.

O desemprego e a precarização laboral são as principais causas para o sobreendividamento, segundo uma investigação do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de

Economia da Universidade de Coimbra. Quase todos os entrevistados revelaram sentir culpa e vergonha por essa situação, evidenciando ainda «uma degradação da auto-estima».

Antes do excesso de dívidas, verifica-se um consumo intenso, recurso

frequente ao crédito e ao uso do cartão de crédito. Depois, há uma tendência para reduzir as despesas, mas salvaguardando os padrões de consumo dos filhos, por vezes «à custa de grandes sacrifícios pessoais». É, contudo, nesse momento que o sobreendividado intensifi-

ca o uso dos cartões, gerando o «efeito bola de neve».

O primeiro caso de sequestro ocorreu em 2001, quando Manuel Subtil, antigo funcionário da RTP, se barricou nas instalações da televisão pública.

Ioli Campos e Sónia Graça